



## MÉMOIAS SOBRE A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE DE UMA IES PÚBLICA

Lyra Andrade Barros

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: lyraandrade13@gmail.com

Fábio Mansano de Mello

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: fabio.m.mello@uesb.edu.br

1850

### INTRODUÇÃO

Tem-se verificado nos últimos anos o surgimento de uma nova configuração do trabalho docente no ensino superior. A fim de atender a lógica do processo de acumulação, valorização, concentração e centralização do capital, o modo de produção capitalista adquire características mutáveis no que se refere a sua organização produtiva, através do trabalho racionalizado e do aumento da produtividade, o que faz com que o processo produtivo adquira um caráter flexível. Tal flexibilização resultou numa série de desdobramentos nos processos de trabalho, mercado e padrões de consumo. Nesse contexto, o ensino superior público não escapa dessa dinâmica, pois, nele, concentra-se um grande contingente de trabalhadores que vendem sua força de trabalho de modo precário.

Face ao estágio de desenvolvimento da pesquisa que estamos empreendendo, neste texto objetivamos explicitar os conceitos que envolvem a precarização do trabalho docente no ensino superior público à luz da mercantilização da educação e das relações que se estabelecem no modo de produção capitalista. Num segundo momento da investigação, pretendemos articular essa discussão teórica com os depoimentos, via entrevista semiestruturada, dos professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Ao partir da premissa do conceito de mercadoria em Marx, no livro *O capital* (2013), compreende-se que a mercadoria é:

Antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão (MARX, 2013, p.157).



A mercadoria se apresenta com caráter dúplice em uma unidade dialética, sendo este valor de uso e valor de troca. Em síntese, o valor de uso se efetiva na utilidade e no consumo, enquanto valor de troca é a proporção de troca entre dois tipos de valores de uso diferente.

Ao transformar os bens em mercadorias e a transação das mercadorias se reduzindo a uma simples relação de compra e venda, o capital para o seu desenvolvimento se apropriará do valor de troca, bem como reduzirá as relações sociais a relações de produção. Desse modo, a sociedade capitalista tende ao aumento incessante da massa de mercadorias tanto pela capacidade de produção quanto de transformação de bens sejam eles materiais ou simbólicos. (MARX, 2017, p. 66)

Conforme Minto (2014) a discussão dos problemas do ensino superior no país decorre do desenvolvimento capitalista, a educação adquiriu um caráter mercantil com as diversas reformas realizadas e com a ideia de formação adequada à expansão da acumulação do capital, tornando o ensino um serviço a ser comercializado. E é nesse contexto que se situa a precarização, envolta nas contradições sistêmicas que procuram intensificar e potencializar a exploração do trabalho.

Em recente pesquisa, Mello (2022) explicita que a mercantilização da educação é um processo que está atrelado a uma rede mais ampla da sociabilidade capitalista, sobretudo quando aponta as conexões das reformas do ensino superior brasileiro com as determinações mais gerais do Banco Mundial, que teriam “orientado”, inclusive, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Nas discussões sobre a precarização do trabalho, seguimos com a perspectiva de Ferraz (2008), que afirma que a dinâmica da precarização passa pela intensificação do ritmo do trabalho em paralelo ao achatamento e perdas salariais (a lógica de se produzir mais com menores custos), de captura da subjetividade do trabalhador e de retirada de direitos trabalhistas.

Na discussão da memória, ao partimos da perspectiva de Halbwachs, no sentido de que muitas ideias de um indivíduo têm origem nos grupos sociais:

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2006, p. 69).



## METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se em uma análise bibliográfica sob a ótica teórica de Marx (2013), Halbwachs (2006), Minto (2014), dentre outros pesquisadores acerca dos conceitos de memória, trabalho e educação. Para análise dos resultados, recorre-se ao Materialismo Histórico Dialético. Tal método explicita que, ao realizar sua atividade prática, o homem transforma a natureza e se constrói, fundamentando, assim, uma ontologia. O conceito de materialismo concerne à produção material da existência humana em uma perspectiva histórica; parte da compreensão de que a humanidade apreende a realidade dentro dos seus condicionantes históricos. O método se qualifica dialético em razão do movimento da contradição que se produz na própria história.

Nesta linha de pensamento, a realidade analisada pelo prisma do Materialismo Histórico traz consigo seus conflitos, contradições e transformações e evidencia os reflexos do mundo exterior e objetivo vivenciado pelos sujeitos, sendo o ponto de partida de análise do real e do concreto. A análise desenvolvida na presente pesquisa parte da abstração que se caracteriza como capacidade intelectual que permite extrair, de uma totalidade, um elemento e examiná-lo. Para tanto, utilizou-se os conceitos das categorias trabalho-educação como relação dialética que, ao adentrar o modo de produção capitalista e suas conjunturas econômicas, passa a assumir outro papel, torna-se moeda de troca. Dessa forma, a educação, ao se atrelar cada vez mais com o mercado, tornam precárias as condições do trabalho docente.

A partir dos dados levantados e sua relação com os conceitos estudados, foi construído um quadro teórico-analítico ilustrando a presença de tais conceitos na conjuntura do ensino superior, demonstrando a preponderância dos mecanismos da mercantilização e como esta contribui para a precarização do trabalho docente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se analisada em virtude dos conflitos econômicos, políticos e sociais, no âmbito do ensino superior, as disputas em torno dos interesses de classe expressam visões mundo e realidades antagônicas. É perceptível a evidente tendência do capital em transformar todos os bens em mercadoria para o seu benefício e a educação superior brasileira também não escapa, esta, vive em constante alteração, antes vista como um direito inalienável e um bem público passa a ser considerada um serviço comercial, uma



mercadoria, reduzindo, portanto, o sentido social da educação (RODRIGUES, 2007; PINHEIRO, 2004).

Os reflexos da lógica da acumulação do capital e da indústria aparecem no processo de trabalho docente, no qual o professor precisa intensificar a sua jornada de trabalho, produzir cada vez mais e em prazos de tempo mais curtos, além de precisar competir por uma vaga gerada pelos editais de fomento para professor-pesquisador, sendo assim, todos esses processos do fazer acadêmico impactam diretamente na subjetividade do docente, retirando a sua autonomia no processo de trabalho.

O estudo se encaminha para análise de como as transformações do trabalho docente, ou seja, sua precarização, sobretudo na esfera pública, impacta diretamente na qualidade do tripé ensino-pesquisa-extensão. Investigar acerca dos processos de precarização que perpassam o trabalho docente no ensino superior é um modo de desafiar o paradigma neoliberal e lutar pela efetivação dos direitos trabalhistas dos professores e sua autonomia.

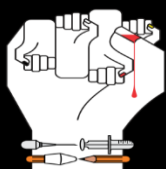
## CONCLUSÕES

A fim de entender os processos aos quais envolvem a conversão da educação de bem público em mercadoria e os impactos causados no trabalho docente, é que se desenvolve essa pesquisa. Compreendemos a necessidade de analisar as faces da precarização do trabalho docente, por meio da centralidade do conceito *trabalho* e suas transformações na lógica capitalista, percebidas por meio das memórias dos professores da UESB e da expansão da mercantilização do ensino, as quais atingem diretamente o trabalho docente.

Tendo em vista o produtivismo acadêmico, a perda salarial e dos direitos trabalhistas como expressão mercantilista da educação e da precarização do trabalho, nossa pesquisa se encaminha para análise de como essas transformações, sobretudo na esfera pública, impacta diretamente na qualidade do ensino superior. Reconhecendo desse modo a necessidade da resistência à precarização do trabalho docente acompanhada à luta para a superação do modelo neoliberal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Trabalho. Educação. Mercantilização. Precarização.

1853



## REFERÊNCIAS

FERRAZ, Cristiano Lima. Trabalho docente, precarização e a nova hegemonia do capital. **Revista Universidade e Sociedade**, n. 41, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 3ª edição. São Paulo: Edipro, 2017

MARX, Karl. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELLO, Fábio Mansano de. **Memórias acerca da mercantilização do ensino superior: a consolidação da “universidade flexível”**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2022.

MINTO, Lalo Watanabe. **Educação da miséria: Particularidade capitalista e educação superior no Brasil**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

PINHEIRO, Luiz Umberto. **Universidade Dilacerada: tragédia ou revolta? Tempo de reforma neoliberal**. Salvador: L. U. Pinheiro, 2004.

RODRIGUES, José. **Os empresários e a educação superior**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

1854

Realização:



Apoio:

